



Exposição

CARAVANA do Patrimônio Cultural Brasileiro



Ministério do Turismo e Instituto Cultural Vale
apresentam

CARAVANA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

CATÁLOGO



Texto © Déborah Gouthier, 2022
Programação Visual © Ivison Spezani, 2022
Organização © Luiz Prado, 2022
Edição © Quereres Edições, 2022

Concepção e textos
Déborah Gouthier
Luiz Prado

Coordenação geral
Luiz Prado

Projeto gráfico e diagramação
Ivison Spezani

Fotos
IPHAN, Déborah Gouthier, Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International: Pierre André Leclercq, Luiz Eugenio Teixeira Leite, Marcos Elias de Oliveira Júnior, Dornickle, Raakvlak, Marie-Lan Nguyen, Sérgio Mourão, Halley Pacheco de Oliveira, Tatakdh, Paul R. Burley, Hans von Manteuffel, Vitor Jorge Pereira Gomes Silva, Otávio Nogueira.

Realização
LP Arte Soluções Culturais

Todos os direitos reservados à Quereres Edições. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida, de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a anuência da editora.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

www.editoraquereres.com
@editoraquereres

1ª edição, Junho 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gouthier, Deborah
Exposição caravana do patrimônio cultura brasileiro / Deborah Gouthier. -- São Paulo : Quereres edições, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-65-995677-6-6

1. Arqueologia 2. Cultura brasileira
3. Patrimônio cultural 4. Patrimônio imaterial - Brasil 5. Patrimônio mundial I. Título.

22-114171

CDD-363.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio cultural : Memória e preservação
363.69

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Patrocínio



Produção



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL

O Instituto Cultural Vale acredita que a Cultura é o nosso bem mais precioso, aquilo que faz de nós quem somos. A Caravana do Patrimônio Cultural Brasileiro se junta a nós neste percurso no tempo, uma verdadeira viagem por nossas tradições, saberes que passam de geração em geração, lugares e símbolos da nossa história e da nossa identidade.

A cultura é instrumento de transformação social, capaz de gerar impacto positivo na vida das pessoas e construir um legado para futuras gerações. Vivenciá-la possibilita às pessoas ampliarem o seu conhecimento, sua visão de mundo e criarem novas perspectivas de futuro.

Convidamos a todos para esta viagem pela imensa riqueza cultural brasileira: do que conhecemos, àquilo que todos precisam conhecer.

Onde tem Cultura, a Vale está.

Instituto Cultural Vale

A cultura brasileira é múltipla, diversa, festiva e singular, como o próprio país.

O Brasil é terra de muitos encontros, onde povos de diferentes etnias, costumes, crenças e saberes se encontraram e continuam se encontrando, resultando no que entendemos hoje como nação.

Essa pluralidade, da qual somos formados, é a principal característica do nosso país. Por isso, falar do universo do Patrimônio Cultural Brasileiro é sempre desafiador.

Quando a Caravana Patrimônio Cultural Brasileiro foi pensada, foram muitas as inspirações e possibilidades de criação para um projeto que pudesse mostrar ao visitante o potencial dessa nossa cultura. Uma cultura que pulsa no coração das pessoas, em lugares espalhados por esse imenso Brasil, que vão do Sul ao Norte, das aldeias indígenas aos quilombos, do litoral ao sertão, das inúmeras festividades aos rituais religiosos.

O Patrimônio Cultural está sempre pronto para florescer onde existe vida criativa, onde há uma fagulha de imaginação e inspiração!

Esse catálogo traz os mesmos temas abordados na exposição, divididos em categorias: patrimônio material, patrimônio imaterial, patrimônio arqueológico e patrimônio mundial. A proposta aqui é apresentar alguns dos conceitos e conteúdos relacionados, permitindo uma continuidade da discussão sobre o assunto para além das experiências vividas na Caravana em si, levando-a para a sala de aula, para as bibliotecas, para o nosso cotidiano. O conteúdo e as reflexões que provocam, no entanto, não se encerram por aqui.

Todo esse conjunto de informações e atividades foi pensado, criado e está acontecendo graças ao trabalho de uma equipe que acredita no potencial e no poder transformador da cultura e da educação. Entendemos que assim, juntos, damos um importante passo para o reconhecimento, a promoção, a valorização e a proteção desse nosso Patrimônio Cultural.

Luiz Prado

Curador



PATRIMÔNIO MATERIAL



Ainda na década de 1930, foi criada no Brasil uma legislação que fundamenta até hoje parte importante da política de proteção do patrimônio cultural brasileiro e inspira a atuação de diversos estados e municípios país afora. Havia, naquele momento, uma preocupação de alguns setores da sociedade de que alguns marcos e testemunhos da história nacional, como edifícios, monumentos e centros históricos inteiros, viessem a se perder diante da urbanização e dos avanços tecnológicos e, portanto, entendia-se como essencial criar formas de preservá-los e salvá-los do arruinamento.

Para isso, foi instituída toda uma estrutura de preservação desses bens culturais a partir da criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan) e da implementação do chamado *tombamento*, principal instrumento de preservação destinado aos bens que compõem o nosso patrimônio cultural material.

Entendidos como referenciais materiais da nossa história, esses bens carregam, de forma concreta e palpável, parte da nossa memória e identidade impressa nos edifícios, nos documentos, nos vestígios arqueológicos, nas cidades e nas artes, entre outros. E o tombamento não significa que esses bens passam a ficar imutáveis, como muitos poderiam pensar, congelados no tempo e no espaço, mas sim preservar as características que os destacam, fazendo deles representantes singulares da nossa cultura.

Quando um bem é tombado, ele passa então a ser reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro e é inscrito em um dos quatro Livros do Tombo, que determinam quatro diferentes categorias. São eles:

Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, que inclui bens valorados enquanto vestígios da ocupação humana, ou por serem referência para determinados grupos sociais específicos, ou por sua importância paisagística, incluindo tanto áreas naturais quanto jardins criados pelo homem, mas que se destacam por sua relação com o território onde se encontram;

Livro do Tombo Histórico, que inclui os bens com uma especial importância para a história do Brasil, seja por meio de edificações, fazendas, chafarizes ou os chamados centros históricos, mas também por meio de mobiliários, gravuras, objetos, entre outros;

Livro do Tombo das Belas Artes, que inclui os bens reconhecidos por seu valor artístico excepcional, como arte não utilitária, mas destacada por sua beleza, criatividade e genialidade de produção;

Livro do Tombo das Artes Aplicadas, onde se encontram os bens cujo valor artístico possui função utilitária, como objetos, pinturas, tapeçarias, entre outros bens, destacados nas artes decorativas, na arquitetura ou no design, por exemplo.



São Luís (MA)



Museu Paraense
Emílio Goeldi

Diante disso, já dá pra imaginar a imensa diversidade desses bens reconhecidos como parte do patrimônio material presente em todos os cantos do Brasil. São incluídos centros históricos inteiros, como os casos das cidades de São Luís (MA) e Belém (PA), mas também monumentos ou edifícios destacados individualmente, como o caso do Engenho de Pindaré-Mirim (MA) ou do Forte de Óbidos (PA). Da mesma forma, também estão incluídos acervos, como os do Museu Goeldi (PA); bens móveis, como os que compunham a antiga Rede Ferroviária Federal e até mesmo documentos e obras de arte; templos religiosos, como as igrejas e os terreiros de religiões de matriz africana; além de inúmeros sítios arqueológicos, entre outros.



1265

**Bens
tombados em
todo o país**

O Iphan realizou um importante levantamento em 2018, que nos fornece alguns dados para compreender a riqueza e diversidade do nosso patrimônio cultural material. Veja só:



34

São ruínas

entre os bens tombados isoladamente, a exemplo dos remanescentes da Igreja de São Miguel, em São Miguel das Missões (RS);



Igreja de São Miguel, em São Miguel das Missões (RS)



Centro Histórico de Ouro Preto (MG)



83

conjuntos urbanos tombados

como o centro histórico de Ouro Preto (MG),
significando um impacto direto na vida de
cerca de 700 mil cidadãos brasileiros;



46% dos bens tombados
está na região Sudeste, 33%
no Nordeste, 12% no Sul,
5% no Centro-Oeste e
4% no Norte;



Rio de Janeiro

é o estado com a maior quantidade de bens
tombados, seguido de Minas Gerais, São
Paulo, Bahia e Pernambuco;



8 bens e 5 acervos

estão tombados como parte do patrimônio cultural material dos povos indígenas, como os Lugares sagrados Kamukuwaká e Sagihengu, no Alto Xingu (MT), e os artefatos que compõem o acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi (PA);



11 terreiros, 3 acervos e 2 quilombos

estão tombados, assim como inúmeros bens considerados referências do patrimônio cultural material dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, a exemplo da Serra da Barriga (AL) e do Terreiro da Casa Branca (BA);





Sítio Roberto Burle Marx (RJ)



Existe um instrumento específico para a proteção de bens relacionados ao patrimônio ferroviário. São milhares de bens móveis e imóveis da extinta Rede Ferroviária Federal (RFFSA) valorados em 177 municípios brasileiros. Além disso, diversos bens estão tombados, como o Pátio Ferroviário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (RO) e o acervo do Museu do Trem (RJ);



41

bens estão tombados por seu valor paisagístico

como o acervo do paisagista Roberto Burle Marx, inúmeras praças e jardins por todo o país e até mesmo o Aterro do Flamengo (RJ);



32

conjuntos rurais

estão tombados, como a Fazenda Babilônia (GO), além de inúmeros bens representativos dos diferentes modos de produção agrícola e pecuária nacional, como engenhos e charqueadas;



27

coleções ou acervos tombados

como o Museu Nacional do Mar (SC), além de centenas de outros protegidos em conjunto com as edificações em que estão depositados, como, como igrejas e fortificações;





Forte dos Reis Magos (RN)



Milhares de objetos

estão protegidos pelo tombamento como parte de acervos de diversos museus espalhados pelo país, como o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo;



71

bens móveis ou integrados

tombados, como a Canoa de Tolda Lusitânia (SE);



57

fortificações

tombadas, como o Forte dos Reis Magos (RN);



566

Bens religiosos

tombados em todo o país, representando diferentes religiões presentes no território nacional, como os terreiros de candomblé e os templos de origem Católica Apostólica Romana;



49

bens de imigração

tombados por sua relação com os fluxos migratórios no país, como os bens culturais de Imigração Japonesa do Vale do Ribeira (SP) e o conjunto arquitetônico e urbanístico de Antônio Prado (RS), representante da imigração italiana.

Convento da Penha, em Vila Velha (ES)



Por fim, vale destacar que, apesar de ser um instrumento de preservação gerido pelo Poder Público, o tombamento não retira dos proprietários do bem e nem da comunidade sua responsabilidade e participação na gestão e cuidado com cada um desses bens. É, portanto, responsabilidade de todos nós, cidadãos e integrantes dessa cultura, preservar, cuidar, conhecer e respeitar esses bens tão valiosos para o nosso povo.



PATRIMÔNIO IMATERIAL



As formas de expressão, modos de criar, fazer e viver do nosso povo passaram a ser oficialmente reconhecidas como patrimônio cultural a partir da Constituição Federal de 1988. O texto, que ampliava o conceito de cultura até então utilizado, abre os caminhos para a implementação de uma nova política, destinada à preservação do chamado patrimônio cultural imaterial.

Para além do que se entendia até então, ele trata de um conjunto de bens culturais que se destaca pelos significados que carregam. O patrimônio imaterial se fundamenta nas pessoas e, com isso, tem sua importância nos conhecimentos, nas práticas, nos processos e signos passados de geração em geração e que, por isso mesmo, se modificam e adaptam ao longo do tempo.

Nesse sentido é que o Iphan, instituição do governo federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, propôs, no ano 2000, o *registro* - um instrumento de preservação que inclui as dinâmicas e possibilidades de mudança implícitas aos bens de natureza imaterial. Como o próprio nome diz, a ideia aqui é registrar as práticas culturais, guardando suas marcas no tempo e na memória, a partir da mobilização das comunidades detentoras dos saberes associados àqueles bens, além de um amplo estudo e documentação dos elementos considerados relevantes à sua preservação. Para melhor organizar esses bens, eles são então inseridos em quatro livros, que indicam suas categorias:

Livro de Registro dos Saberes, que inclui os “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”;

Livro de Registro das Celebrações, que inclui os “rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”;

Livro de Registro das Formas de Expressão, onde estão inscritas as “manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas”;

Livro de Registro dos Lugares, onde estão inscritos os “mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”.

A partir daí, procura-se implementar práticas de salvaguarda, que pretendem apoiar a comunidade detentora a promover a continuidade desse bem e, por isso mesmo, são sempre construídas de acordo com os interesses dessa mesma comunidade. Afinal de contas, quando se fala do patrimônio imaterial estamos falando das pessoas e dos significados e sentidos que elas conferem às coisas, e não das coisas em si. É assim: o que é registrado não é o queijo de Minas ou o bolinho do acarajé, por exemplo, mas os conhecimentos, as tradições e rituais que permitem que eles existam. No caso de lugares registrados, como a Feira de Campina Grande (PB) ou a Feira de Caruaru (PE), isso também acontece, quando o que os destaca não é um monumento ou a arquitetura, mas pelo fato de serem considerados como espaço de referência cultural para os grupos sociais que valorizam aquele lugar e pelas inúmeras memórias que carregam.

Outro ponto curioso é que durante a pesquisa que antecede o registro de um patrimônio imaterial, um dos aspectos observados é onde ele ocorre. Assim, existem bens culturais que ocorrem em um local específico (uma cidade

ou estado), como o caso das Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó (PA), enquanto outros aparecem em vários estados, como a Ciranda do Nordeste, ou mesmo em todo o país, como a Roda de Capoeira. Por causa disso, os bens são registrados como Patrimônio Cultural do Brasil conforme sua abrangência, podendo ser local, regional ou nacional.

É importante destacar ainda que, fora a política de preservação promovida pelo Iphan, existem instrumentos específicos de proteção do patrimônio cultural conduzidos pelos Estados e Municípios brasileiros, podendo outros diversos bens serem reconhecidos conforme essas políticas locais.

No que diz respeito ao reconhecimento federal, promovido pelo Iphan, até maio de 2022, o Brasil possuía 52 bens de natureza imaterial registrados e recebendo, portanto, o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Quatro deles são de abrangência nacional; nove de abrangência regional; e os demais de abrangência local, compreendidos em seus estados ou municípios. Saiba mais sobre cada um deles:



Ofício das Baianas de Acarajé

Desde 2005, esse é um bem cultural reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo conjunto de saberes e fazeres que permitem que um costume tão importante continue acontecendo. É assim: não é a receita ou o bolinho que são reconhecidos como patrimônio, mas o Ofício das Baianas de Acarajé, envolvendo as comidas populares, claro, mas também os sentidos, os trajes e rituais. Com seus tabuleiros cheios de delícias, as chamadas Baianas de Acarajé são as donas da receita, do tempero e da tradição. O fazer dessa iguaria, que tem como base o bolinho de feijão com azeite de dendê, gera renda para as famílias ao mesmo tempo em que celebra a devoção aos orixás. Isso porque a religiosidade é parte fundamental desse rito, originado no Candomblé, mas que se tornou um símbolo da identidade da Bahia espalhado pelas ruas e cidades de todo o país.

Roda de Capoeira

Patrimônio Cultural do Brasil registrado desde 2008, essa é mais uma manifestação presente nos quatro cantos do país e que simboliza a riqueza da nossa cultura mundo afora! Não à toa, a Roda de Capoeira também é reconhecida pela Unesco, desde 2014, como um **Patrimônio Cultural da Humanidade**. Suas cantigas e movimentos revelam as visões de mundo, tradições e valores dos afrobrasileiros e carregam consigo uma história de resistência e solidariedade. Um jogo, uma dança, um canto, um ritual ou uma luta, ela é o encontro de todas essas coisas em uma única, forte e complexa expressão cultural, que é marca fundamental na formação da nossa identidade brasileira.



Ofício dos Mestres de Capoeira

Para ter capoeira, tem que ter também alguém responsável por compartilhar os rituais e caminhos dessa herança cultural. É por isso que, junto com a Roda, o Ofício dos Mestres de Capoeira também foi registrado como um Patrimônio Cultural do Brasil em 2008, reconhecendo esse saber necessário e símbolo de resistência, existente em todo o país. Mas não é qualquer coisa, não: são anos de dedicação até alguém se tornar mestre! E aí, então, como mais importante detentor desse conhecimento, recebe-se a missão de repassá-lo para as novas gerações com toda sua beleza e complexidade. Por causa disso, os mestres são verdadeiros professores de história, pois ajudam a contar e recontar as memórias de África, dos ancestrais e das ricas tradições que existem dentro dos golpes, cantos e movimentos.



Matrizes Tradicionais do Forró

Música e dança se reúnem nessa forma de expressão que está espalhada em cada canto do Brasil. Registradas como Patrimônio Cultural do Brasil em 2021, as Matrizes Tradicionais do Forró trazem das raízes nordestinas o baião, o xote, o arrasta-pé, o coco, a toada e o xaxado. Essa manifestação cultural carrega elementos que nos falam das festas populares, dos saberes e da alegria que fazem todo mundo dançar agarradinho embalado pelos sons da sanfona, do triângulo, da zabumba, mas também misturando pandeiro, rabeca, pífano e gonguê.

Modo de fazer Viola de Cocho

A viola de cocho é o instrumento usado para tocar o ritmo musical conhecido como cururu e, com ele, se dança o siriri. Os chamados mestres cururueiros são os responsáveis pela música, mas também por fazer as violas, usando materiais tradicionais do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, como algumas madeiras da região e até tripa de animais (usadas para fazer as cordas). Algumas são adornadas com desenhos e fitas, de acordo com a forma e o gosto de cada artesão. Desde 2005, esse Modo de Fazer Viola de Cocho também é Patrimônio Cultural do Brasil e representa parte de uma cultura que encontra riqueza e valor na simplicidade.



Jongo no Sudeste

Pelos quatro estados da região Sudeste (SP, RJ, ES e MG), nos quintais das periferias das cidades e em algumas comunidades rurais, as rodas de Jongo são uma forma de expressão que acende entre seus praticantes as lembranças dos antepassados africanos. Com a percussão dos tambores, a dança e os enigmas cantados, eles louvam seus ancestrais e divindades, reafirmam sua identidade e festejam seu povo em uma manifestação cultural que tem sua origem ainda durante os tristes tempos da escravidão. Os jongueiros, então, celebram sua história no caxambu e na umbigada, valorizando suas raízes nesse que é mais um Patrimônio Cultural do Brasil, registrado desde 2005.



Fandango Caiçara

Forma de expressão típica das comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo e norte do Paraná, o Fandango Caiçara também é Patrimônio Cultural do Brasil, registrado desde 2012. Fortemente relacionado com as atividades rurais, ele se caracteriza pelas relações de troca. É assim: vizinhos ou amigos ajudam uns aos outros em determinada função, como erguer uma casa, preparar um casamento, na pescaria ou na lavoura, e como retribuição, se prepara um baile, esse festejo alegre, cheio de modas de viola e danças marcadas pelas batidas dos tamancos. Mesmo hoje em dia, praticado também nas cidades, essa tradição ajuda a construir as verdadeiras redes sociais dessas comunidades e suas dinâmicas.



Saberes e práticas associados ao modo de fazer Bonecas Karajá

O povo indígena Karajá reside em áreas que englobam os estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins. Ali, com barro, cinzas e água, as mulheres contam e continuam a história de seu povo, geram renda e ensinam sobre os mitos, os rituais, a natureza e a vida cotidiana. E sabe como elas fazem tudo isso? Moldando e pintando bonecas de cerâmica, chamadas de Ritxòkó. Essas bonecas reproduzem o próprio modo de vida desse povo e os saberes e práticas associados ao modo de fazê-las foi registrado, desde 2012, como um Patrimônio Cultural do Brasil. O reconhecimento marca a riqueza e importância dos conhecimentos utilizados para preparar o barro, modelar e pintar as figuras, combinando brincadeira, tradição e identidade cultural.

Ritxòkò: expressão artística e cosmológica do Povo Karajá

Assim como aconteceu com os modos de fazer essas bonecas de cerâmica, os significados e símbolos que permeiam sua produção também foram registrados em 2012 como Patrimônio Cultural do Brasil, nessa manifestação cultural tão rica que é a Ritxòkò, expressão artística e cosmológica do povo Karajá. Para esses indígenas que residem entre Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins, as bonecas não são apenas brinquedos, mas representações criativas de sua identidade. Suas formas, grafismos e cores retratam a pintura corporal, os adornos e roupas tradicionais, assim como seus fazeres, sua relação com a vida e a natureza. Assim, as crianças se enxergam e se compreendem nesses objetos, aprendendo com eles a ser Karajá.



Teatro de Bonecos Popular do Nordeste

O mamulengo de Pernambuco; Babau na Paraíba; Casimiro Coco no Ceará; João Redondo e Calunga no Rio Grande do Norte... seja qual for seu nome, a tradição atravessou o país, chegou até o Distrito Federal e, não por acaso, em 2015 ganhou até registro como Patrimônio Cultural do Brasil. O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste representa a criatividade, a arte e a memória do nosso povo. Essa forma de expressão envolve a produção dos bonecos e barracas, a invenção e contação de histórias, a linguagem poética embasada na oralidade e a interpretação dos personagens. Brincadeira e espetáculo teatral, ele fala da vida e dos costumes populares e é símbolo do afeto entre criadores e público.



Literatura de Cordel

Talvez você já tenha visto uns livretos coloridos, com títulos curiosos, ilustrados em xilogravura. Mas vamos por partes: xilogravura é uma técnica bem antiga que produz imagens em madeira e que, aqui no Brasil, é tradicionalmente associada ao Nordeste e à Literatura de Cordel – justo de quem estamos falando, essa rica mistura de gênero literário, práticas culturais e tradição, que atravessa o país deixando suas marcas em Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo e Sergipe. Além dos desenhos e dos livros em si, ela é lembrada por outros elementos fundamentais: a métrica, a rima e a oração. Mas o mais importante mesmo é se deixar levar pelas histórias, personagens, ritmos e poesia, repassados nessa forma de expressão que, desde 2018, também é registrada como Patrimônio Cultural do Brasil.

Repente

Em um desafio cantado, os praticantes dessa forma de expressão, reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil em 2021, se enfrentam por meio de improvisos e rimas. O Repente começou em fazendas e vilarejos do Nordeste até alcançar as grandes cidades e outras regiões para onde os nordestinos levaram sua poética, como o Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro. Acompanhados do som das violas, os cantadores se alternam e se provocam entre um baião e outro, dividindo um mesmo mote. Os fundamentos da cantoria são os mesmos da literatura de cordel: rima, métrica e oração - mas aqui a poesia acontece na oralidade e no dom. O público se diverte e se encanta com a disputa dos repentistas, que seguem compartilhando suas histórias e modos de viver.

Ciranda do Nordeste

Uma forma de expressão que reúne música, poesia e dança de roda, a Ciranda do Nordeste é também Patrimônio Cultural do Brasil, reconhecido em 2021. Ela acontece em Alagoas, na Paraíba e especialmente em Pernambuco. A figura central aqui é a mestra ou o mestre cirandeiro, mas a roda de ciranda se faz coletivamente e desperta em seus praticantes uma ideia de união e pertencimento. Juntos, de mãos dadas, eles cantam e dançam em círculo fechado, sempre em uma mesma direção, podendo ter passos complexos ou uma coreografia simples. Os movimentos remetem ao balanço do mar, aos ciclos da vida e às brincadeiras de criança. O ritmo é marcado pelo surdo e pelos passos, que vão contando as histórias das comunidades e celebrando a sorte de pertencerem àquele lugar.



Marabaixo

Com saias rodadas e coloridas é que se dança o Marabaixo, mais uma forma de expressão que é Patrimônio Cultural do Brasil, registrada em 2018. Essa manifestação cultural se originou entre os africanos escravizados e foi se transformando com influências da religiosidade católica. O canto, conhecido como ladrão, é uma lembrança dos hinos de lamento cantados nos navios negreiros, e as danças são parte da prece, conduzida com graça e devoção. Dançadeiras, tocadores de caixa, compositores de ladrão, cantadeiras e cantadores, fazedores de gengibirra e muitos outros são os personagens dessa realização coletiva, que tão bem representa a identidade cultural amapaense.



Arte Kusiwa - Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi

A Arte Kusiwa reúne a pintura corporal e a arte gráfica dos povos Wajãpi, indígenas que habitam dezenas de aldeias do Amapá. Com padrões gráficos ensinados pelos espíritos (que são considerados os verdadeiros donos dos desenhos), eles criam códigos para representar os seres e suas histórias e os compartilham através do tempo. Essa verdadeira linguagem é criada com tintas e resinas naturais, que estampam seus objetos e corpos e comunicam sua cultura, organização social e relação com o mundo. Símbolo tão importante da riqueza e diversidade cultural dos povos indígenas, essa forma de expressão foi uma das primeiras a ser registrada como Patrimônio Cultural do Brasil, ainda em 2002. No ano seguinte, a Unesco também declarou a Arte Gráfica Wajãpi como **Patrimônio da Humanidade**.



Cachoeira de Iauaretê - Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri

Apesar do nome, a Cachoeira de Iauaretê ou Cachoeira da Onça, como também é conhecida, não é uma daquelas grandes quedas d'água como muitos podem imaginar, mas uma grande corredeira onde se encontram os rios Uaupés e Papuri, no Amazonas. Sua importância se dá pelo fato de que, para muitos povos indígenas dessa região amazônica, aquele é um lugar sagrado. Entre as pedras, ilhas e caminhos de água estão marcadas as histórias da origem de 14 diferentes etnias, de como se fixaram nesse território e tantos outros símbolos que permitem que, apesar de diferentes, eles convivam e compartilhem seus valores e visões de mundo. Lugar de referência para esses povos e mais um Patrimônio Cultural do Brasil, registrado ainda em 2006.

Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro

A paisagem ao longo do Rio Negro, no Amazonas, se transforma de região para região, gerando diferentes formas de caçar, pescar e plantar e de produzir alimentos, objetos e moradas. Nesse percurso, vários povos indígenas tecem sua relação com a natureza e, a partir daí, desenvolvem suas formas de viver. Eles possuem o conhecimento necessário para o manejo florestal, sabem onde cultivar o quê e como transformar cada item em alimento. Esse complexo conjunto de saberes forma o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, que além de Patrimônio Cultural do Brasil desde 2010, é também uma importante solução para proteger a floresta e a diversidade das espécies.





Círio de Nossa Senhora de Nazaré

No segundo domingo de outubro, Belém, a capital do Pará, recebe uma das maiores celebrações religiosas do mundo. O Círio de Nossa Senhora de Nazaré reúne milhões de pessoas em uma festa que é sinônimo de fé e solidariedade, mas também de música, comida e diversão. Por 15 dias são feitas peregrinações em várias cidades, até o momento da procissão principal, embalada por muita emoção e devoção dos fiéis, que se apertam pela chance de carregarem a corda e receber as bênçãos da santa. Outras procissões, feiras e festas são realizadas durante o ritual, também conhecido como o “Natal dos paraenses”, nessa celebração que é registrada como Patrimônio Cultural do Brasil desde 2004 e também reconhecida como **Patrimônio da Humanidade** desde 2013.



Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins

Junho é mês de celebração na região do Médio Amazonas e de Parintins, no estado do Amazonas. Por lá, as festas dos santos católicos são diferentes por causa do Boi Bumbá, um folguedo popular cheio de dança, música e encenações. São três principais versões: o Boi de Terreiro, que conta a história da morte e ressurreição do animal; o Boi de Rua, uma variação itinerante que toma conta das ruas; e o Boi de Arena, uma enorme festa competitiva entre os bois Caprichoso e Garantido, que colorem o chamado Bumbódromo de azul e vermelho. Registrado desde 2018 como Patrimônio Cultural do Brasil, esse complexo cultural é símbolo das tradições amazônicas e resultado das misturas dos povos que formaram a região.

Festividades do Glorioso São Sebastião na Região Do Marajó

No Pará, na formosa Ilha do Marajó, é comum encontrarmos os sinais de devoção a São Sebastião, santo protetor e guerreiro, assim como os próprios marajoaras. Mas é no mês de janeiro que uma tradicional celebração modifica o cenário e a fé sai das casas e vai para as ruas nas Festividades do Glorioso São Sebastião, mais um Patrimônio Cultural do Brasil, registrado desde 2013. Em cada cidade, mudam as características e calendário próprio dos festejos, que incluem peregrinação, dança, reza, folias e ladinhas, sempre marcados pelo verde, vermelho e branco das cores do santo e pelo importante momento do levantamento e depois da derrubada do mastro com a bandeira.



Carimbó

O Carimbó é uma forma de expressão musical, acompanhada da dança e da poesia, que resulta das influências indígenas, africanas e europeias na formação do povo. Os instrumentos, muitas vezes feitos pelos próprios carimbozeiros, carregam muitas das dimensões e símbolos dessa manifestação cultural que é referência, orgulho e identidade dos paraenses, e que também é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2014. Ele se faz nas práticas; nas letras e coreografias circulares, que remetem à natureza, ao trabalho e aos fazeres do cotidiano amazônida; e nos tambores, que dão o nome e o ritmo das memórias e dos corações.



Modo de Fazer Cuias no Baixo Amazonas

As comunidades que moram às margens do Rio Amazonas, no Pará, também enriquecem nossa cultura com seus saberes e fazeres de herança indígena. Por ali, existe um conhecimento que é só das mulheres, mas que virou Patrimônio Cultural do Brasil todo em 2015: o Modo de Fazer Cuias do Baixo Amazonas. A cuiá é um potinho ou cumbuca, mas essas são especiais, feitas a partir dos frutos de uma planta chamada cuieira. Eles são preparados pelas artesãs, depois tratados, tingidos e ornamentados com desenhos, em uma dinâmica cheia de significados culturais. Além de lindas e super úteis, elas ainda geram renda para várias famílias.



Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis

Assim como em outros cantos do país, a cidade de Pirenópolis, em Goiás, mantém viva a tradição portuguesa de celebrar a devoção ao Divino Espírito Santo com uma grande festa popular. Por ali, o ritual é marcado por folias, coroação do Imperador, missas e folguedos e, claro, pelas Cavalhadas, seu momento mais famoso, quando ocorre a encenação de uma batalha medieval com bandeiras coloridas, homens a cavalo e muitos mascarados. A importância da festa vai muito além dos seus 60 dias de duração e envolve toda a cidade ao longo do ano, convidando a rezar, preservar as tradições e celebrar. Por essas e outras, ela é registrada desde 2010 como mais um Patrimônio Cultural do Brasil.

Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade

Essa é mais uma festividade religiosa de Goiás que, em 2016, se tornou Patrimônio Cultural do Brasil – mas dessa vez, para celebrar o Divino Pai Eterno. A tradição começou no ano de 1840, quando encontraram na cidade de Trindade um medalhão, considerado milagroso. Por causa dele, a região se tornou ponto de encontro do catolicismo popular, já que, durante a festa religiosa, milhares de famílias se dirigem de suas cidades para lá em carros de madeira puxados por bois, em prova de devoção ao Divino. Essa tradição, chamada romaria, remonta aos antigos costumes de quando esses carros de boi eram o principal meio de transporte das famílias e reúne outras práticas e símbolos da vida no campo.



Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe

Todos os anos, no noroeste do Mato Grosso, o povo indígena Enawene Nawe realiza o Ritual Yaokwa, sua mais longa e importante celebração. Registrada como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010, ela dura sete meses, mas tem seu ponto alto quando os pescadores, Yaokwa, saem para a pesca coletiva e depois retornam com centenas de peixes, que serão ofertados aos espíritos Yakairiti. O ritual todo, no entanto, inclui a divisão da comunidade em clãs e uma sequência de atividades e técnicas, que envolve a construção da barragem para a pesca, as músicas, mitos e coreografias, a religiosidade e até o conhecimento dos sinais emitidos pela natureza.



Banho de São João de Corumbá e Ladário

Mais procissões e cortejos caracterizam essa festividade tradicional do Mato Grosso do Sul, Patrimônio Cultural do Brasil registrado ainda em 2021: o Banho de São João de Corumbá e Ladário. Essa celebração mistura os rituais católicos e das religiões de matriz africana, reunindo o culto a São João Batista e ao orixá Xangô. Além dos ritos religiosos, que incluem novenas e giras, a manifestação cultural também envolve os festeiros na decoração de altares e andores, a queima de fogueiras e o levantamento de mastros até que, no dia 24 de junho, a população pantaneira se encontra às margens do Rio Paraguai para o ritual do banho da imagem do santo e orixá.



Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim

Essa é mais uma celebração que mistura diferentes raízes: o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. A Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim acontece em janeiro, em Salvador, na Bahia, desde 1745, e faz parte da identidade dos soteropolitanos, que comparecem em peso nas novenas e missas, no cortejo e na lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim - realizada pelas filhas de santo com flores e água de cheiro, em reverência ao orixá Oxalá. Além da parte religiosa, essa festa que também é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2013 ainda reúne afoxés, capoeira, samba e as famosas fitinhas coloridas dos rituais da Medida do Bonfim.

Bembé do Mercado

É também no Recôncavo Baiano, na cidade de Santo Amaro, que acontece o Bembé do Mercado, uma celebração religiosa composta por expressões culturais fundamentais para a identidade do povo de santo. No Bembé, o Candomblé sai do terreiro e toma conta das ruas. Patrimônio Cultural do Brasil desde 2019, ele é realizado sempre no 13 de maio, em tradição iniciada ainda no primeiro ano após a Abolição da Escravatura. Ali, o povo de terreiro celebra suas obrigações religiosas, agradece e pede proteção para a cidade e a coletividade, em cerimônias repletas de rituais, mas também com muita festa, capoeira e samba de roda.





Samba de Roda do Recôncavo Baiano

Música, dança, ritmo e festa: o Samba de Roda do Recôncavo Baiano é uma das mais vibrantes formas de expressão da nossa cultura, uma joia brasileira. Foi lá na Baía de Todos os Santos que germinou esse símbolo de resistência, beleza e criatividade, que reúne a viola, o pandeiro, o prato-e-faca e a poética da língua portuguesa com várias tradições dos africanos escravizados. Patrimônio Cultural do Brasil desde 2004 e, desde o ano seguinte, também **Patrimônio da Humanidade**, ele é o berço do samba carioca e uma forma inigualável que tantas comunidades excluídas encontraram para se libertar e se divertir. Samba de Roda é devoção, solidariedade, tradição e sempre um bom motivo pra se emocionar.

Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha

13 de junho é dia do santo casamenteiro, milagreiro e padroeiro da cidade de Barbalha. Em sua homenagem, uma grande celebração toma conta do Cariri cearense na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Patrimônio Cultural do Brasil desde 2015, a festividade é exemplo de como os brasileiros são mestres na arte de misturar brincadeira e devoção. Seu ponto alto é o carregamento do pau da bandeira, transportado por 7 quilômetros até ser hasteado na frente da Igreja Matriz. O caminho é cercado de música, bandeirolas, rezas, folguedos e brincadeiras. Ao final de 13 dias, procissão e missa encerram as festividades e, se tudo correr bem, os prometidos casamentos são marcados.



Tambor de Crioula do Maranhão

Não se confunda com o Jongo do Sudeste, pois o Tambor de Crioula é uma manifestação tradicional do Maranhão. Pela origem afrobrasileira em comum, eles trazem vários elementos semelhantes, como as danças em roda e a marcante percussão. Nas ruas, praças e terreiros, essa é uma celebração que acontece em louvor a São Benedito ou só mesmo pelo prazer da umbigada. As mulheres cantam e dançam com suas saias de estampas coloridas, enquanto os homens marcam o ritmo no batuque de seus tambores. Símbolo de resistência cultural dos negros maranhenses, esse Patrimônio Cultural do Brasil registrado em 2007, reúne passado e presente valorizando a história e a raiz africana.



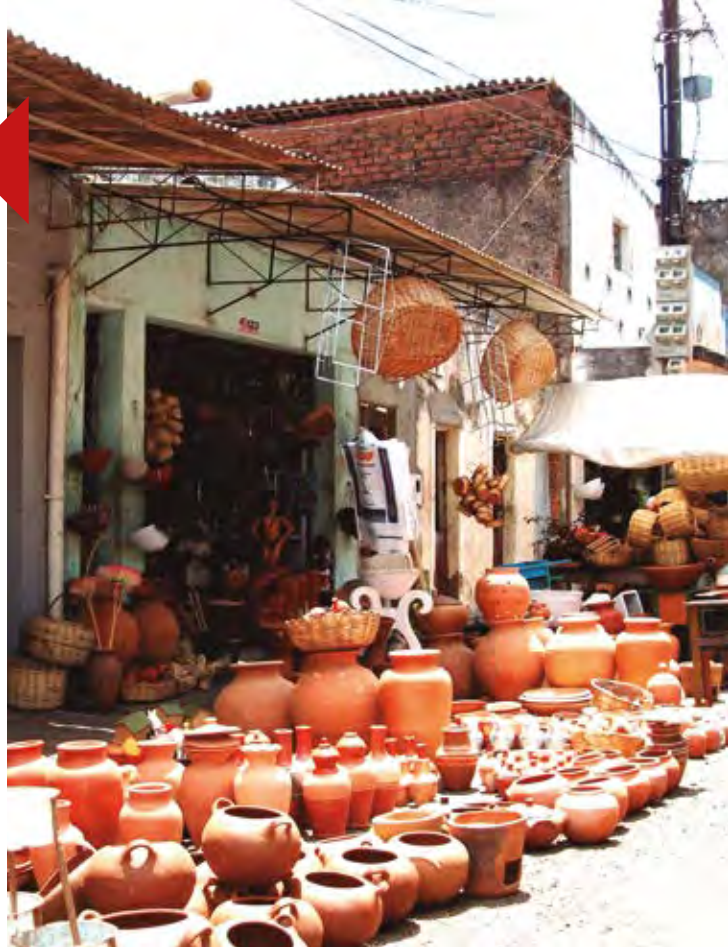
Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão

A grande estrela dessa celebração que é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2011 e **Patrimônio da Humanidade** desde 2019 é o boi. Como na festividade amazônica, essa também é chamada de complexo cultural, porque envolve uma série de saberes e expressões, como performances, coreografias, confecção dos instrumentos e bordados. Com forte relação com os santos juninos e o catolicismo popular, ela ainda traz elementos dos voduns e encantados, em referência às religiões afrobrasileiras. Tudo gira em torno da história do boi e cada região maranhense tem seu jeito de brincar, nos chamados sotaques: baixada, matraca, zabumba, costa-de-mão e orquestra.



Feira de Campina Grande

Além das festas juninas e do forró, a cidade paraibana de Campina Grande tem uma feira que é um de seus maiores símbolos e que também é Patrimônio Cultural do Brasil, desde 2017. Conhecida como a Feira das Feiras, a Feira de Campina Grande tem cerca de 75 quilômetros de cores, aromas, rimas e canções, mas, principalmente, de muita identidade cultural e história do povo nordestino. É no meio de seu burburinho que se misturam os produtos sertanejos, as comidas, as notícias e os modos de fazer de toda a região com o que trazem os viajantes ao longo de séculos de trocas e tradições.



Feira de Caruaru

Não é por acaso que dizem por aí que a Feira de Caruaru são muitas em uma só. E essa foi uma das razões para que esse lugar de memória, de trocas e de continuidade dos saberes do nosso povo fosse registrado como um Patrimônio Cultural do Brasil, ainda em 2006. Ela cresceu junto com a cidade que lhe empresta o nome, Caruaru, em Pernambuco, e é um de seus maiores símbolos. Por lá, a gente vê comércio de gado e as bandas de pife, redes de tear e raízes medicinais, sarapatel e os bonequinhos de barro do Alto do Moura, da tradição que remete a Mestre Vitalino - tem de tudo. Assim, no espaço da Feira, se encontram e reconstróem cotidianamente as tradições e a criatividade singular do Nordeste.

Frevo

Uma expressão cultural que faz a gente pular e se emocionar pelas ruas das cidades pernambucanas de Recife e Olinda. Assim é o Frevo, que carrega a alegria do Carnaval, mas também é crítica social em forma de música, dança e poesia. Se você duvida que dá pra misturar tudo isso, preste atenção no equilíbrio dos vários gêneros musicais com a coreografia cheia de ginga, marcada pela sombrinha de cores vibrantes e pelo jogo de braços e pernas. Em 2007, essa forma de expressão foi registrada como Patrimônio Cultural do Brasil e anos mais tarde, em 2012, ela também foi incluída entre os bens que representam o **Patrimônio Cultural da Humanidade**.



Maracatu de Baque Solto

Dança, música, religiosidade e poesia se reúnem em mais essa brincadeira popular que colore Pernambuco durante o Carnaval e a Páscoa. O Maracatu de Baque Solto é uma expressão cultural que tem como seu maior símbolo o personagem do Caboclo de Lança e envolve performances cheias de adereços, versos improvisados, um batuque inesquecível e uma dança guerreira que remete aos movimentos dos trabalhadores dos canaviais. Também conhecido como Maracatu Rural, por conta de sua origem relacionada aos engenhos da cana-de-açúcar, ele foi registrado em 2014 como mais um Patrimônio Cultural do Brasil que reúne festa e tradição aos rituais sagrados da Jurema, aqui denominados como o “segredo do brinquedo”.



Maracatu Nação

O Maracatu Nação também é conhecido como Maracatu de Baque Virado, nome que remete ao tipo de batuque marcado pelas alfaias nessa outra expressão cultural pernambucana que, desde 2014, é registrada como Patrimônio Cultural do Brasil. Tradicional de Recife, ele encena um cortejo real, representando corações de reis e rainhas do Congo, região onde estão as raízes de muitos afrobrasileiros. Os tradicionais desfiles acontecem durante o Carnaval, com a musicalidade singular e os diferentes personagens carregando consigo as memórias de África, aliadas aos símbolos e elementos da religiosidade dos terreiros de Xangô.



Cavalo-Marinho

No ano seguinte ao registro dos maracatus, em 2015, Pernambuco teve mais uma de suas formas de expressão registrada como Patrimônio Cultural do Brasil: o Cavalo-Marinho. E você pode até achar que estamos confundindo bicho com manifestação cultural, mas não. Ela é, inclusive, uma variante de outra festa com nome de animal, o Bumba meu Boi. Na verdade, o Cavalo-Marinho é uma brincadeira popular nascida na Zona da Mata do Norte de Pernambuco e praticada em alguns cantos do país, do jeitinho que o brasileiro gosta: misturando tradições. Como um grande teatro popular, reúne até 76 personagens diferentes, conduzidos por canções, coreografias, poesia e religião, em espetaculares apresentações que, muitas vezes, viram noites e podem durar mais de 19 horas.

Caboclinho

O Caboclinho é uma manifestação cultural que toma conta das ruas durante o Carnaval em algumas cidades do Nordeste, principalmente em Pernambuco. Feita por grupos populares e misturando elementos das tradições indígenas e africanas, partes fundamentais da formação da nossa sociedade, essa é uma brincadeira que reúne o passado e o presente em narrativas cheias de dança, música e adereços repletos de plumas e brilhos. Ah, e claro, com a preaca: um instrumento em forma de arco e flecha, típico dessa forma de expressão. Com a cara da nossa identidade cultural, o Caboclinho também é um Patrimônio Cultural do Brasil, registrado desde 2016.



Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí

O caju é uma das frutas que mais carrega o gostinho do Brasil. E é dele que se faz a cajuína: um líquido doce e cristalino, feito com muito carinho e tradição por diversas gerações de famílias do Piauí, que incluem a bebida em seus rituais de hospitalidade e bem querer. Mais do que uma forma de produzir a bebida, essas famílias compartilham saberes, técnicas e rituais de degustação, que tornam tudo ainda mais especial. Foi por tudo isso que, em 2014, a Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí foi registrada como mais um Patrimônio Cultural do Brasil.





Festa de Sant'Ana de Caicó

Toda a região do Seridó, no Rio Grande do Norte, se reúne nas muitas festas dentro da Festa de Sant'Ana de Caicó. A celebração, que é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2010, ocorre sempre às voltas do dia de Sant'Ana, 26 de julho, e inclui um sem fim de ritos, missas, procissões e a tão esperada peregrinação da imagem da santa. Mas como você já deve ter percebido, nossas celebrações religiosas sempre têm muito festejo: são dias de encontro, comida tradicional, cavalgada, artesanato; de músicas, cortejos e poemas; e do emocionante momento do beija, quando os devotos demonstram seu afeto pela santa, beijando a própria mão e depois tocando a imagem sagrada, entre flores, oferendas e muita fé.

Modo de Fazer Renda Irlandesa

Apesar do nome, essa é uma tradição bem brasileira, diretamente da cidade de Divina Pastora, em Sergipe. Mas foi da herança europeia que as mulheres dessa região aprenderam a fazer a renda de agulha, utilizando como suporte o lacê, um cordão brilhoso que tece uma trama sofisticada. E essa série de saberes e fazeres traçam mais este Patrimônio Cultural do Brasil, registrado em 2018: o Modo de Fazer Renda Irlandesa, fonte de trabalho e referência cultural para centenas de artesãs, que produzem sempre em grupos. As rendeiras são lideradas por uma mestra, responsável por traçar o risco da peça, então seguido pelas outras mulheres. Assim, elas ganham seu sustento, dividem os fazeres, as histórias, as conversas e os sonhos.



Ofício Das Paneleras de Goiabeiras

No bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, capital do Espírito Santo, centenas de artesãs paneleiras moldam a argila manualmente e as secam ao sol. Depois queimam a cerâmica a céu aberto e impermeabilizam com tintura de tanino - usando as mesmas técnicas e a série de conhecimentos que aprenderam com suas mães, suas avós e bisavós para a produção de lindas panelas, onde serão servidas, entre outros pratos, as típicas moquecas capixabas. Esse saber tão importante para a geração de renda de tantas famílias, mas também para a manutenção de uma tradição fundamental para o modo de vida dessa comunidade, fez com que o Ofício das Paneleras de Goiabeiras fosse um dos primeiros bens culturais registrados como Patrimônio Cultural do Brasil, ainda em 2002.



Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas, nas Regiões do Serro e das Serras da Canastra e do Salitre

O Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e do Salitre também é registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, desde 2008. Mas repare bem no nome: não foi o queijo que foi reconhecido, e sim o conjunto de conhecimentos para sua produção. Como dizem em Minas Gerais: é o jeitim mineiro de fazer um queijim. Esses saberes vão além de uma receita, são um traço da identidade das pessoas envolvidas e um jeito bem sucedido e gostoso de aproveitar o leite que é produzido ali. E um detalhe importante: cada uma das regiões tem seu próprio modo de fazer e isso resulta em queijos com aparência e sabores específicos.



Toque dos Sinos em Minas Gerais

Do alto das igrejas, o primeiro badalo ecoa pela paisagem com o som que encanta quem passa e quem fica. Nas cidades de São João del Rei, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Serro, entre outras tantas, o Toque dos Sinos é uma manifestação cultural, que envolve a comunidade e a religião. É como um conjunto de códigos sonoros comunicando diferentes mensagens. Cada ocasião tem seu toque: nos dias festivos, ritmos acelerados; nos dias fúnebres, mais solenes, e assim seguem os sinos, conversando entre si e com a cidade nessa simbólica forma de expressão mineira registrada como Patrimônio Cultural do Brasil, desde 2009.

Ofício Dos Sineiros

Como os sinos não se badalam sozinhos, é preciso valorizar as pessoas que realizam e continuam com esses rituais tão importantes para Minas Gerais. Também registrado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2009, o Ofício de Sineiro mantém viva essa atividade que é tão prática quanto artística, repleta de afeto e devoção. Os sineiros sabem de cor: a estrutura, a composição e o repertório de pancadas, badaladas, repiques e dobres corretos para cada ocasião. Mas são também eles os responsáveis por repassar, geração a geração, esses códigos que encantam e preenchem as cidades mineiras.



Festa do Divino de Paraty

Em mais uma das celebrações em devoção ao Divino existentes pelo país, o estado do Rio de Janeiro tem a sua Festa do Divino Espírito Santo de Paraty. Então não se confunda, não, veja só: nessa aqui também tem folia, império e coroação, porque esses elementos vêm da tradição portuguesa. Mas cada canto se apropria de um jeito, e em Paraty, por exemplo, tem até um almoço com distribuição de doces e carne abençoada. Tem também lindas procissões, onde os devotos percorrem a cidade dançando e rezando com seus andores ornamentados, misturando devoção e divertimento em mais essa celebração que é Patrimônio Cultural do Brasil, registrada desde 2013.





Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo

Quem não gosta de samba pode até ser um bom sujeito, mas por certo não conheceu as Matrizes do Samba do Rio de Janeiro! Essa forma de expressão tão nossa é registrada como Patrimônio Cultural do Brasil desde 2007 e traz consigo influências do jongo, do maxixe, do samba de roda baiano e das marchinhas de Carnaval. Juntos, eles se transformaram na alegria poética de três matrizes: o partido alto, associado ao cotidiano e aos improvisos; o samba de terreiro, que vive nas rodas de sambas e quadras das Escolas; e o samba-enredo, que a gente conhece dos desfiles de Carnaval. A partir dessas raízes tradicionais, o samba se ramifica em tantos outros e encanta a todos nós.



Sistema Agrícola Tradicional de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira

Você se lembra quando falamos sobre os conhecimentos dos indígenas do Rio Negro para plantar e assim preservar a floresta? Pois em São Paulo também acontece algo assim! O Sistema Agrícola Tradicional do Vale do Ribeira é o conjunto de técnicas, saberes e fazeres carregados pelos quilombolas através dos anos. Com ele, mais do que a forma certa de plantar e colher usando as técnicas da roça de coivara, também ganham continuidade as formas de festejar, socializar, rezar e comer. Ali, o espaço e o tempo se adequam à terra e às tradições, e é esse saber tão fundamental para a nossa diversidade (agrícola e cultural) que ganha a importância de Patrimônio Cultural do Brasil, registrado desde 2018.



Procissão do Senhor dos Passos de Santa Catarina

Há mais de 250 anos, a capital de Santa Catarina, Florianópolis, recebe uma celebração religiosa de tradição católica que dura uma semana e ocorre antes da Páscoa, em um simbólico relato da Paixão de Cristo e seu calvário. Patrimônio Cultural do Brasil desde 2018, essa manifestação cultural expressiva da identidade catarinense tem entre seus momentos mais marcantes a Lavação da imagem do Senhor Jesus dos Passos, a Missa dos Enfermos, a peregrinação e transladação das imagens e, por fim, a Procissão do Encontro, que segue da Catedral para a Capela do Menino Deus, cortando e transformando o centro histórico da capital de Santa Catarina em cenário de um espetáculo de emoção e devoção.





Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas

Em algumas cidades do Rio Grande do Sul, na região de Pelotas, é possível encontrar um tesouro adocicado: quindim, pessegada, camafeu, ninho e marmelada, entre outros quitutes. São doces finos e coloniais, produzidos de forma artesanal e delicada, mas que traduzem a história do lugar, suas contradições e trajetórias. Por causa disso, de toda a série de sentidos, receitas, combinações de sabores, relações de identidade e afeto, é que não os doces, mas as Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas foram registradas em 2017 como Patrimônio Cultural do Brasil, um conjunto de saberes transmitidos em um longo processo de criatividade... e gostosura!

Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani

Entre as ruínas de pedra das Missões Jesuíticas da cidade de São Miguel, no Rio Grande do Sul, se encontra a Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani. Registrado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2014, esse local é considerado sagrado para os indígenas da região, porque reconta a história dos Guarani e comunica, através do tempo, sobre seus valores e crenças. O espaço, construído do esforço e da resistência ao apagamento da cultura indígena, é entendido por eles como a casa onde moram os antepassados e que, por isso, carrega parte fundamental de sua história e identidade, como uma forma concreta de relembrar e celebrar seus símbolos e modos de viver.





**PATRIMÔNIO
ARQUEOLÓGICO**



Os bens arqueológicos constituem uma parte importante do patrimônio cultural material, sendo então compreendidos como patrimônio arqueológico. Por sua vez, ele engloba os monumentos, vestígios materiais e lugares relacionados aos povos que ocuparam o território no passado, sendo, portanto, também responsáveis por parte fundamental da nossa história, memória e identidade.

A palavra Arqueologia vem do latim, reunindo as palavras *archaios*, que significa “passado”, e *logos*, que significa “ciência”, definindo esta ciência social que é responsável por estudar o passado. Assim, os arqueólogos estudam os grupos humanos que viveram no passado por meio das pistas e rastros que eles deixaram, podendo ser referentes às mais diferentes épocas, desde o surgimento da espécie humana até os períodos mais próximos dos dias atuais.

Objeto de estudo da Arqueologia, o patrimônio arqueológico é construído pelos testemunhos materiais da história, mas também, e especialmente, pelas informações que eles carregam. Assim, por meio dos vestígios encontrados, como um utensílio ou artefato, por exemplo, é possível compreender quem os produziu, sua função e quando foram feitos. A partir disso, podemos então conhecer mais sobre os hábitos, as formas de ocupação do espaço, as relações sociais e os contextos ambientais em que esses diversos povos viviam.

Entre os vestígios mais frequentemente encontrados estão as pinturas e gravuras rupestres; ferramentas de pedra utilizadas para a caça, defesa ou cultivo, como, por exemplo, pontas de flecha e machadinhas; cerâmicas; tembetás, como se chamam os enfeites para lábios e orelhas feitos com ossos, sementes ou pedras; artefatos de pedra semelhantes a animais, conhecidos como zoólitos; azulejos; porcelanas; grés; moedas, entre outros.

É importante destacar a diversidade desses bens, sobretudo porque marcam diferentes períodos da nossa história. Os azulejos portugueses que cobrem os imensos sobrados de São Luís, capital do Maranhão, por exemplo, são um testemunho da ocupação e das influências que a arquitetura local recebeu dos colonizadores e que são, ainda hoje, uma das principais características da cidade.

Fachada do Museu
de Artes Visuais de
São Luís (MA)





Pintura rupestre no
Parque Nacional Serra
da Capivara (PI)

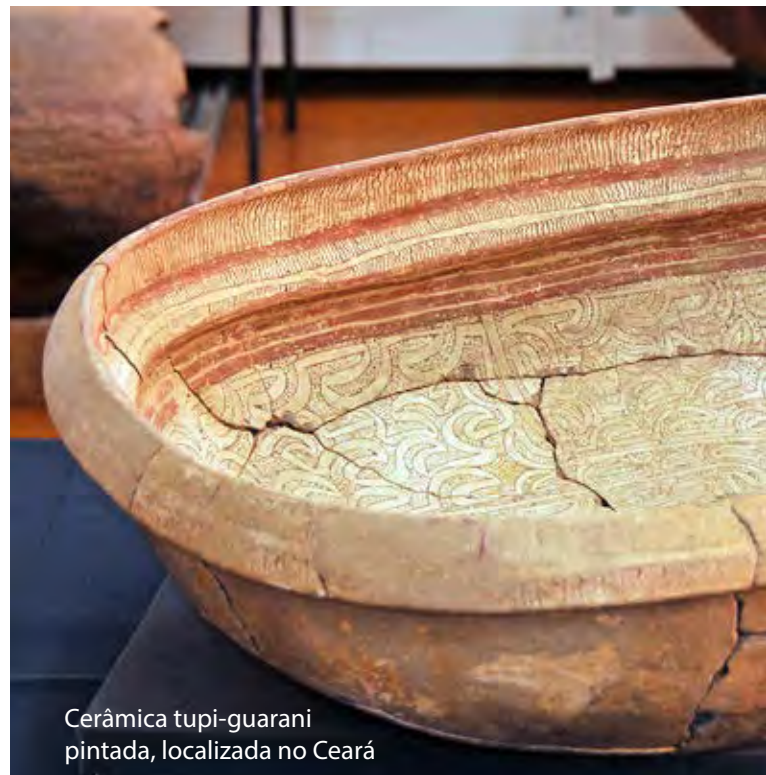
Por outro lado, as pinturas rupestres encontradas no Parque Nacional Serra da Capivara (PI), por exemplo, são a prova material da existência de populações naquela região muitos e muitos anos antes da colonização europeia. Considerados como alguns dos mais antigos exemplares de arte rupestre do continente, eles ajudaram a repensar a história de ocupação das Américas, atestando a antiguidade dos grupos humanos que residiam ali.

Alguns vestígios, como porcelanas por exemplo, são ainda entendidos como distintivos sociais, mostrando quais populações eram mais ou menos abastadas. E há ainda as moedas, que permitem uma datação relativa do solo, além de poder informar sobre determinado período do passado, em especial sobre como a moeda era valorizada ou desvalorizada. E estes são só alguns exemplos, podendo os bens arqueológicos ser dos mais variados tipos, comprovando a diversidade das técnicas e tecnologias através do tempo, a capacidade de criação do ser humano e as influências culturais que recebemos das gerações que nos antecedem.

Os sítios arqueológicos, portanto, são os lugares onde podemos observar e estudar essas pistas. Esses locais podem apresentar diferentes vestígios, que marcam as mais distintas atividades cotidianas, como morar, comer, trabalhar, dançar, enterrar os mortos e até as formas de descartar o lixo, entre outras ações.



Urna funerária marajoara.
Em exposição no MASP



Cerâmica tupi-guarani
pintada, localizada no Ceará



Pinturas rupestres na Serra da Capivara (PI)




Arqueólogos e geólogos trabalham no reconhecimento do solo

Lâmina de machado polido, localizado no Paraná



Ponta de Flecha, localizada no Paraná





Esqueleto humano, encontrado na Serra da Capivara (PI)

O Iphan também é a instituição responsável pela gestão do patrimônio arqueológico, sendo seus bens considerados propriedade da União e também um patrimônio cultural brasileiro. Apesar de estarem inseridos no âmbito da política do patrimônio material, podendo, inclusive, ser protegidos pelo tombamento, os bens de natureza arqueológica possuem legislação específica, criada na década de 1960. Por meio dela, ficou estabelecido que todos os bens arqueológicos precisam ser inscritos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, instrumento fundamental para a sua identificação e preservação.

Assim, segundo levantamento realizado pelo Iphan em 2018, eram 25.892 sítios arqueológicos cadastrados, sendo que mais de 15 mil deles já possuíam georreferenciamento. Temos vários sítios que possuem reconhecimento internacional devido a sua relevância histórica e cultural, como o **Sítio Arqueológico do Cais do Valongo (RJ)**, o **Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)**, o **conjunto histórico de Fernando de Noronha (PE)**, entre outros tantos.

25.892
sítios
arqueológicos

cadastrados até 2018

15.000
sítios
georreferenciados
até 2018

Sítio Arqueológico do Cais do Valongo (RJ)



Pintura rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara (PI)

Nesse sentido, assim como os demais bens do patrimônio cultural, a preservação do patrimônio arqueológico passa pela participação das populações do presente. Caso um cidadão que não é arqueólogo encontre algum desses vestígios, deve, primeiramente, manter esses utensílios e artefatos exatamente como estão e onde estão, pois é a partir dessas informações que os profissionais irão obter os conhecimentos sobre esses bens. Também é importante: não escavar; não retirar o solo e a vegetação ou jogar lixo em abrigos ou cavernas; e não escrever sob as pinturas e gravuras rupestres. E, claro, deve-se entrar em

contato com o Iphan local, para informar sobre o fato e sobre tão importante descoberta.

Todos os sítios arqueológicos são protegidos por lei e é proibido destruí-los ou mesmo retirar objetos desses locais. Destruir esse patrimônio é crime, já que danificá-lo ou perdê-lo significa apagar o passado, que continua vivo por meio da cultura material dos grupos que os produziram. Todos esses testemunhos constituem a herança cultural dos antepassados, datando mais de 12.000 anos atrás, deixados como legado e conhecimento para a população atual.

Garrafas grés,
localizadas na Bahia



Prato de porcelana chinesa,
localizada na Bahia





PATRIMÔNIO MUNDIAL



A partir da identificação de bens que se destacam por sua importância para a memória, identidade e criatividade dos povos e riqueza das culturas, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura) passou a promover o reconhecimento do patrimônio cultural e natural considerado por seu valor para toda a humanidade. A proposta, formatada a partir de 1972, parte da ideia de que a degradação ou desaparecimento desses bens pode gerar uma perda real e significativa para os povos de todo o mundo. Assim, são destacados por seu valor universal excepcional, podendo ser tanto de natureza material, como os monumentos, grupos de edifício e locais de interesse; quanto de natureza imaterial, onde, desde 2003, se incluem as expressões de vida e tradições repassadas de geração em geração.

Vale destacar também que a Unesco menciona a questão da diversidade linguística como um importante valor a ser preservado, entendendo as tradições e expressões orais como “vetor do patrimônio cultural imaterial”. A ONU (Organização das Nações Unidas), inclusive, instituiu o período de 2022 até 2032 como a Década Internacional das Línguas Indígenas, em uma iniciativa que procura destacar e incentivar o debate sobre a riqueza e diversidade das línguas indígenas e, ao mesmo tempo, sensibilizar as nações para as ameaças e riscos de desaparecimento dessas línguas.

Além disso, há também uma preocupação com bens que necessitam de medidas urgentes de preservação. Desde 2011, o Ritual Yaokwa, do povo indígena Enawene Nawe (MT), está inscrito na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial que Requer Medidas Urgentes de Salvaguarda, na busca por ações que possibilitem a manutenção de sua ordem social e cósmica.

Até maio de 2022, portanto, o Brasil possuía 22 bens inscritos nas listas de reconhecimento de relevância internacional, sendo seis bens reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade; e 16 sítios reconhecidos como Patrimônio Mundial Cultural, no que diz respeito aos bens de natureza material.

SÃO OS REPRESENTANTES DO BRASIL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DA HUMANIDADE:

Samba de Roda no Recôncavo Baiano (BA)

Reconhecido em 2008

Expressões orais e gráficas dos Wajapis - Arte Kusiwa (AP)

Reconhecido em 2008

Frevo: arte do espetáculo do Carnaval de Recife (PE)

Reconhecido em 2012

Círio de Nossa Senhora de Nazaré (PA)

Reconhecido em 2013

Roda de Capoeira (NAC)

Reconhecido em 2014

Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão (MA)

Reconhecido em 2019

SÃO OS REPRESENTANTES DO BRASIL COMO PATRIMÔNIO MUNDIAL CULTURAL:

Centro Histórico de Ouro Preto (MG)

Reconhecido em 1980

A cidade foi a capital de Minas Gerais e o ponto central da corrida do ouro no Brasil, no século XVIII. Inserida em uma paisagem remota e acidentada, a qualidade da arquitetura e urbanismo faz de Ouro Preto um tesouro do gênio humano, testemunho da capacidade de criação e adaptação de uma sociedade sob as influências do domínio colonial português e dos conhecimentos da mineração trazidos pelos africanos. A cidade foi palco da Inconfidência Mineira e laboratório para os artistas do Barroco Mineiro. Seu centro histórico foi um dos primeiros a receber o título de Patrimônio Cultural Brasileiro e também foi o primeiro representante do país a integrar a lista do Patrimônio Mundial, continuando a ser um verdadeiro marco da história, da cultura e das artes no país.





Centro Histórico de Olinda (PE)

Reconhecido em 1982

Com forte relação com a produção açucareira no Brasil, a cidade de Olinda foi fundada em 1535 pelos portugueses e depois reconstruída no século XVIII, após a invasão holandesa. Seu conjunto paisagístico, urbanístico e arquitetônico é considerado Patrimônio Mundial, em reconhecimento ao equilíbrio harmonioso entre jardins, edifícios administrativos, igrejas barrocas e outros exemplares da arquitetura religiosa - destacados tanto pela arquitetura, quanto pela decoração - misturados à simplicidade das casas pintadas em cores vibrantes e distribuídas por uma extensa rede de ruas e becos. Tudo isso inserido em uma paisagem de floresta tropical exuberante com vista para o mar e uma pulsante e inigualável expressividade cultural marcada pelo ritmo do frevo.

Missões Jesuíticas Guaranis - Ruínas de São Miguel das Missões (RS)

Reconhecido em 1983

As chamadas Missões Jesuíticas Guarani foram implantadas no sul da América, em uma região fortemente habitada por cerca de 30 povos indígenas, em especial da etnia Guarani. Como resultado desse esforço de evangelização promovido pelos missionários jesuítas europeus, diversos edifícios foram erguidos entre os séculos XVII e XVIII e hoje constituem um impressionante conjunto de ruínas, reconhecidas como Patrimônio Mundial e testemunho histórico e arquitetônico das relações culturais estabelecidas com as populações indígenas. No Brasil, na área correspondente à cidade de São Miguel das Missões (RS), se situa a ruína da Igreja de São Miguel Arcanjo, estrutura mais intacta e completa entre eles.





Centro Histórico de Salvador (BA)

Reconhecido em 1985

Primeira capital do Brasil, a cidade é sinônimo da mistura das culturas europeias, africanas e indígenas, exercendo um fundamental papel histórico, identitário e cultural para o país. Seu centro histórico, reconhecido como Patrimônio Mundial, se distingue pela arquitetura colonial religiosa, civil e militar, tradicionalmente representada pela região do Pelourinho. Salvador é considerada um exemplo de estrutura urbana renascentista adaptada a um sítio colonial com estrutura de cidade alta e cidade baixa, sendo a primeira destinada às funções defensiva, administrativa e residencial e a segunda às atividades comerciais na região portuária. É também associada ao tema da exploração humana, já que o primeiro mercado de escravos das Américas foi fundado ali, ainda em 1558.

Santuário do Bom Jesus de Matozinhos - Congonhas (MG)

Reconhecido em 1985

Na segunda metade do século XVIII foi construído na cidade de Congonhas do Campo (MG) o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, obra-prima da arte barroca na América Latina e reconhecido como Patrimônio Mundial. Formado por uma igreja, amplamente decorada em estilo rococó, de inspiração italiana; uma escadaria externa decorada com as estátuas dos Doze Profetas esculpidos em pedra sabão; e seis capelas representativas das Estações da Cruz, conhecidas como Passos, que abrigam uma série de esculturas policrômicas de madeira representando a Paixão de Cristo. Todo o complexo escultórico tem a autoria do artista e mestre Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho, e é considerado uma joia do gênio humano.





Brasília (DF)

Reconhecido em 1987

O título de Patrimônio Mundial, concedido antes mesmo do tombamento, celebra a cidade construída do zero e inaugurada em apenas quatro anos, na região central do país, como um marco na história do planejamento urbano para abrigar a nova Capital Federal. O urbanista Lucio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer pretendiam que o desenho da cidade (Plano Piloto) estivesse em harmonia com cada um dos seus elementos - do layout das áreas residenciais aos distritos administrativos, até a simetria dos edifícios em si - em um projeto considerado como uma obra-prima do gênio criador humano. Considerada um exemplo definitivo do modernismo urbano do século XX, foi criada como parte do grande projeto de modernização nacional promovido pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

Parque Nacional Serra da Capivara - São Raimundo Nonato (PI)

Reconhecido em 1991

Localizado no Piauí, o Parque Nacional Serra da Capivara possui cerca de 214 quilômetros e abriga um dos conjuntos de sítios arqueológicos mais importantes do mundo, com evidências e artefatos que levaram os estudiosos a reavaliar a origem dos assentamentos humanos na região, confirmando a presença milenar do ser humano nas Américas. Entre esses importantes testemunhos materiais estão inúmeros abrigos rochosos decorados com pinturas rupestres, destacadas entre os mais antigos exemplares de arte rupestre do continente. Ao todo, são mais de 300 sítios arqueológicos demonstrando a ocupação da região há até 50 mil anos antes do presente e formando o parque reconhecido como Patrimônio Mundial.





Centro Histórico de São Luís (MA)

Reconhecido em 1997

A cidade, fundada pelos franceses e depois ocupada por holandeses e portugueses, carrega em seu conjunto arquitetônico, histórico e urbanístico as influências desses povos e preservou completamente o planejamento original, com ruas organizadas de maneira retangular. Soma-se a isso a singularidade das técnicas construtivas, expressas na densa decoração das fachadas, cuja principal marca é a elegância dos azulejos portugueses. O centro histórico, reconhecido como Patrimônio Mundial, é considerado como um excelente exemplo de cidade colonial portuguesa adaptada às condições equatoriais da América do Sul e que preservou sua malha urbana em harmonia com as características naturais.

Centro Histórico de Diamantina (MG)

Reconhecido em 1991

Maior centro de extração de diamantes do mundo no século XVIII, Diamantina é considerada uma testemunha da façanha dos garimpeiros e do esforço cultural e artístico dos seres humanos sobre o meio ambiente. Encravado como uma jóia no coração das montanhas do nordeste de Minas Gerais, na Serra dos Cristais, seu centro histórico foi reconhecido como Patrimônio Mundial. Seguindo a topografia natural, as ruas sinuosas entrecortam as casas geminadas, as igrejas de cores e texturas similares aos edifícios civis e os edifícios de arquitetura barroca, diferenciando-se pela predominância da madeira e pela geometria. Assim, seu conjunto urbano e arquitetônico traduz suas raízes, de forma original e integrada à paisagem natural.





Centro Histórico de Goiás (GO)

Reconhecido em 2001

No interior de Goiás, o centro histórico da antiga capital do Estado é mais um dos bens reconhecidos como Patrimônio Mundial. O sítio é testemunha da ocupação e colonização das terras do Brasil Central ao longo dos séculos XVIII e XIX e é considerado um exemplo de desenvolvimento urbano adaptado às condições geográficas, climáticas e culturais da região para a formação de uma cidade mineradora incrustada entre a Serra Dourada e o Rio Vermelho. A arquitetura marcada pela simplicidade e modéstia nos métodos construtivos que utilizavam os materiais e técnicas locais, forma um todo harmonioso e, ainda hoje, amplamente preservado.

Praça São Francisco - São Cristóvão (SE)

Reconhecido em 2010

Na cidade de São Cristóvão, em Sergipe, o quadrilátero a céu aberto, cercado por um relevante patrimônio arquitetônico que inclui a Igreja e o Convento de São Francisco, a Igreja e a Santa Casa de Misericórdia, o Palácio Provincial e outras casas e edifícios marcantes dos séculos XVIII e XIX, forma a Praça de São Francisco, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial. A paisagem preserva a história da cidade e da região, constituindo um conjunto coerente e harmonioso que demonstra a ocupação portuguesa adaptada à paisagem tropical, com os padrões para cidades coloniais definidos pelos espanhóis, representando a união das duas coroas e seus estilos de planejamento urbano.





Rio de Janeiro - paisagens cariocas entre a montanha e o mar (RJ)

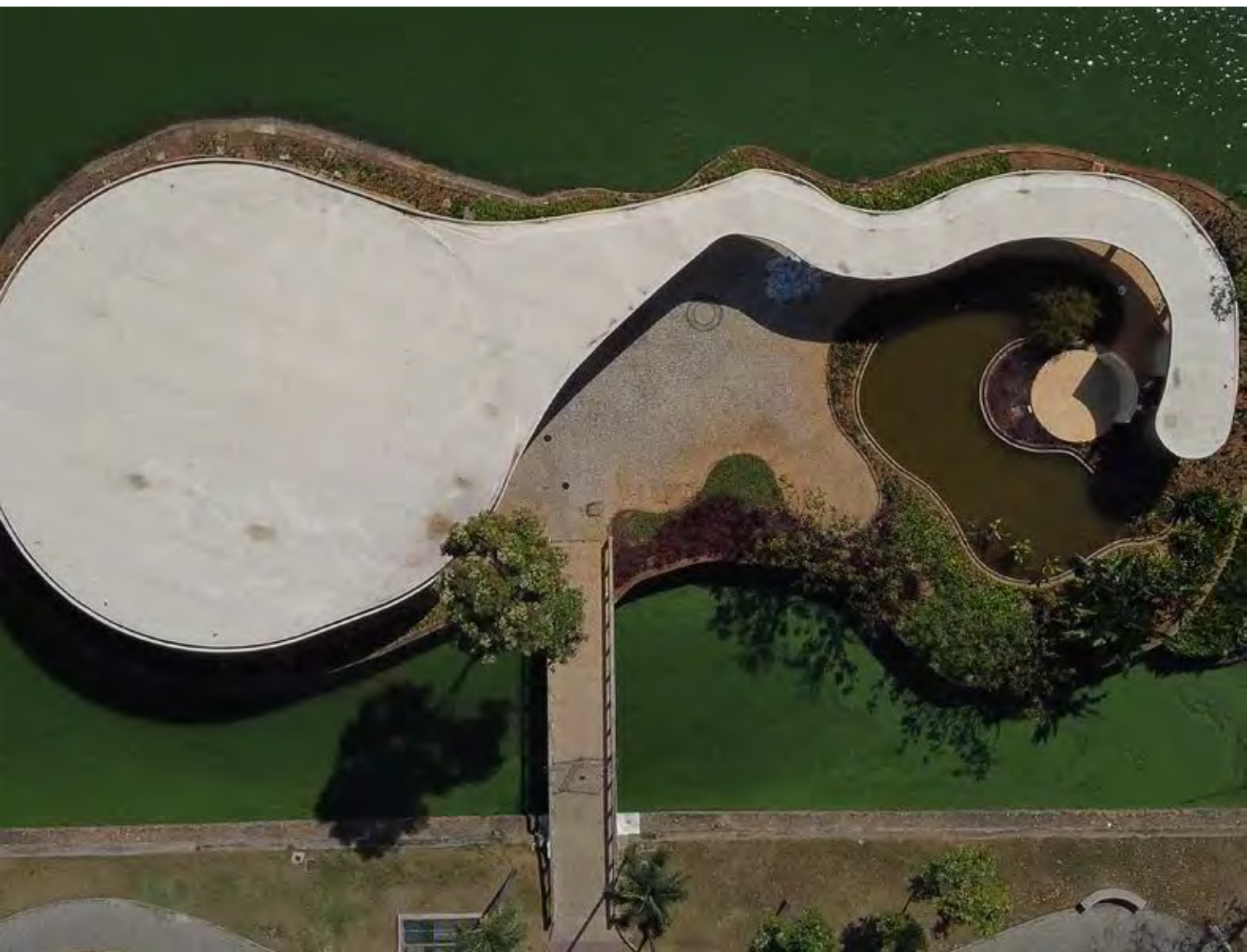
Reconhecido em 2012

O conjunto que forma o cenário do Rio de Janeiro, moldado por uma criativa mistura cultural que acompanha seus elementos naturais, também é reconhecido como Patrimônio Mundial. Dos pontos mais altos das montanhas do Parque Nacional da Tijuca até o mar, estendendo-se pelo Jardim Botânico, o Morro do Corcovado com seu Cristo Redentor, a Baía de Guanabara, o Parque do Flamengo e Copacabana, com suas praias e todo um estilo de vida ao ar livre que compõem a origem e a inspiração para a cultura, as artes, o design, o urbanismo e a arquitetura do lugar. A paisagem urbana da cidade foi moldada por eventos históricos significativos e pela diversidade que a formou, sendo, continuamente celebrada por sua grande beleza e singularidade.

Conjunto moderno da Pampulha - Belo Horizonte (MG)

Reconhecido em 2016

Centro de um projeto visionário de cidade-jardim criado ao redor da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte (MG), o Conjunto Moderno da Pampulha foi construído na década de 1940 pelo então prefeito Juscelino Kubitschek. Com projeto do arquiteto Oscar Niemeyer e do paisagista Roberto Burle Marx, em colaboração com outros renomados profissionais, consolidou um dos principais monumentos da Arquitetura Moderna no Brasil. O conjunto de cultura e lazer, reconhecido como Patrimônio Mundial, inclui um cassino (atual Museu de Arte da Pampulha), casa de baile (hoje, centro de referência em urbanismo, arquitetura e design), o late Golfe Clube e a Igreja de São Francisco de Assis, reunindo de forma pioneira a arquitetura, as artes e o design e refletindo a paisagem e as tradições locais.





Cais do Valongo - Rio de Janeiro (RJ)

Reconhecido em 2017

Reconhecido como Patrimônio Mundial, o Sítio Arqueológico do Cais do Valongo está localizado na área portuária do Rio de Janeiro (RJ), abrangendo a Praça do Jornal do Comércio, na região conhecida como Pequena África. O antigo cais foi construído para o desembarque dos cerca de 900 mil africanos que chegaram ao continente para serem escravizados a partir de 1811 e hoje é determinado por várias camadas arqueológicas, reveladas apenas em 2011 durante as obras do Porto Maravilha. O espaço carrega grande valor histórico e espiritual para os afroamericanos sendo, por isso, considerado como único e excepcional tanto do ponto de vista material quanto pelos significados simbólicos a que se relaciona. Por ser um retrato da história e da dor, é considerado como um exemplo de sítio histórico sensível.

Paraty e Ilha Grande - cultura e biodiversidade (RJ e SP)

Reconhecido em 2019

Tendo como berço as montanhas da Serra do Mar, essa paisagem foi reconhecida como Patrimônio Mundial Misto por englobar características naturais e culturais e, sobretudo, pela capacidade de interação entre elas. O sítio abrange o centro histórico de Paraty e o Morro da Vila Velha e cobre também a maior parte da Baía da Ilha Grande em quatro áreas naturais protegidas da Mata Atlântica, considerada um dos cinco principais focos de biodiversidade do mundo. A região também se destaca como testemunho histórico da ocupação indígena e, a partir do século XVI, dos colonos europeus e africanos escravizados, abrigando, ainda hoje, comunidades tradicionais quilombolas, guaranis e caiçaras, que mantêm modos de vida e sistemas de produção herdados de seus ancestrais e com estreita relação com o meio ambiente que os cerca.





Sítio Roberto Burle Marx (RJ)

Reconhecido em 2021

Reconhecido como Patrimônio Mundial, o Sítio Roberto Burle Marx é o resultado de um projeto desenvolvido por mais de 40 anos pelo arquiteto, paisagista e artista Roberto Burle Marx. Localizado em Barra de Guaratiba, o espaço foi criado para funcionar como uma “obra de arte viva” e “laboratório paisagístico”, por meio da combinação de centenas de espécies de plantas e dos ideais modernistas. Apresenta as principais características que marcaram os jardins implementados em diversas outras obras do paisagista e influenciaram a implementação de jardins modernos em todo o mundo. Atualmente, 3500 espécies cultivadas da flora tropical e subtropical crescem em harmoniosa convivência com a vegetação nativa e a Mata Atlântica, em uma concepção ecológica que inclui a colaboração social como base da preservação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Capítulo III, Seção II. Artigos 215 e 216. Disponíveis em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf e http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf

BRASIL. Decreto-Lei nº25. 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm

BRASIL. Decreto nº 3551. 04 de agosto de 2000. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf

BRASIL. Lei nº 3924. 26 de julho de 1961. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_3924_de_26_de_julho_de_1961.pdf

GOUTHIER, Déborah; LOPES, Greciene. Reconhecendo Caminhos: propostas pedagógicas para o patrimônio cultural imaterial - caderno do professor. São Paulo: Querer Edições, 2021.

IPHAN. Política do Patrimônio Cultural Material. Brasília: Iphan/Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao_politica_do_patrimonio.pdf

IPHAN. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br>

UNESCO. Patrimônio Mundial no Brasil. 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>

Ficha técnica

CRIAÇÃO

Coordenação geral e Curadoria Luiz Prado

Direção técnica e iluminação Adriana Milhomem

Design de experiências Verônica Marques

Direção de produção Marcia Sarquis

Consultora de patrimônio cultural Déborah Gouthier

Consultoria de arqueologia Maria Fernanda Van Erven

Pesquisa Fernanda Pereira

Coordenação de Monitoria Helina Maria Souza da Silva e Bruno Oliveira da Silva

Projeto gráfico Folha Verde Design

Programação visual Ivison Spezani e Redson Pereira

Coordenação técnica local Isaias de França Alves

Técnico de montagem Renan José Ferreira da Silva e Silva e Milton Alan Azevedo Braz

Produção local Talyene Melônio

Produção local Marcela Rios

Assistente de produção Taynah Angel Siqueira, Suelen Alves e José Fábio Balthazar

Produção de textos catálogo e cartilha educativa Déborah Gouthier

Transporte Dmari Logística, Lucio Lima e Daniel Nogueira

CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Edição e criação audiovisual Carolina Heleno e Rodrigo Braga

Tecnologia Marco Aurélio - Cromavideo

Filmagem Chamon Audiovisual e Four Studios e Marketing

Edição de vídeos Andressa Ocker

Consultoria em acessibilidade Paloma Breit

Tradução em libras Libras e Traduções Mendes

Repente e atuação Igor Fortunado

Locução Erika Riba, Diogo Mattos e Mariana Munhoz

Imagens FUMPH – São Luís, Joaquim Neto, Heitor Xavier, Josildo Ferreira, ASCOM Setur – Salvador, Renan Neto, Secretaria de Cultura de Diamantina, Felipe Lage, FUMCULT – Congonhas, Caren Moy, Leandro Langoni, Secretaria de Cultura de Paraty, Prefeitura de São Miguel das Missões, Daniel Mag.

CENOTECNIA

Coordenação geral Cenomarte Cenografia

Marcenaria Marcos Roberto Sousa, Henrique José Melo da Costa,
Rodrigo Nascimento dos Reis e Cláudio Bastos de Sales

Pintura de arte Arlete Rua e Roca Tortelly

Pintura Wellington Lucena, Sandra Rejane e Alexandre Crispim

Elétrica Jorge Raibott, Gabriel Rodrigo Raibott e João Pedro Barbosa

Forração e adesivação Dangelo da Silva Conceição

Costura Katia Salles

Serralheria Julio Cesar Souza dos Santos

COMUNICAÇÃO

Coordenação de comunicação Thiago Carneiro

Assessoria de imprensa Nelza Oliveira

Assessoria imprensa Maranhão Mieke Wada

Assessoria imprensa Pará Camila Delduque

Marketing digital Welike Digital

Fotografia e vídeo Mariana Borges

Operação de drone Mauricio Cruz Marinho

Clipping Leitura Digital

ADMINISTRATIVO

Assessoria Jurídica Roberta Guedes

Assistência jurídica Carolina Frieb

Assessoria contábil Lifecont Contabilidade

Coordenação administrativa financeira e prestação de contas Luiz Prado

Secretária Maria Claudia Barbosa

Realização LP Arte Soluções Culturais

Catálogo
versão audiobook





A Caravana Patrimônio Cultural Brasileiro é uma exposição itinerante, que promove uma experiência única, lúdica e inovadora de educação, cultura e entretenimento.

Produzida pela LP Arte, ela é patrocinada pelo Instituto Cultural Vale, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e conta com a fundamental parceria das secretarias de Educação dos municípios participantes.

Neste catálogo você vai encontrar conceitos e conteúdos relacionados ao tema central do projeto, divididos nas categorias de patrimônio material, imaterial, arqueológico e mundial. Ele pretende funcionar como um facilitador da continuidade das discussões e reflexões sobre o grande tesouro que é o nosso Patrimônio Cultural para além da exposição, tornando-se instrumento de apoio para o seu reconhecimento, valorização e preservação.

Venda proibida | Distribuição gratuita



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL